

O FESTIM DOS REGALADOS

O FESTIM DOS REGALADOS

Naquela manhã ensolarada, de domingo, o culto da irmandade começou com muita unção céu. O louvor cantado em várias línguas havia levado a igreja a um êxtase glorioso. Duas pessoas caíram ao chão se rendendo totalmente ao Senhor Jesus. Outros dançavam de gozo e poder do Espírito. A igreja nascida no chão do povo muçulmano era composta quase cem por cento de povos vindos do animismo. A maioria era balantas seguido dos papeis, manjacos, mansoankas, bijagós e uma irmã fulas. Várias nações que Deus, no seu amor, transformou em uma só tribo, a do Senhor Jesus. O irmão Pedro pregou naquele dia na língua creola. Baseado em II Crônicas 28: 3 – “Também queimou incenso no vale do filho de Hinom, e queimou a seus filhos no fogo conforme as abominações dos gentios...”. Discorria brilhantemente aplicando o texto à realidade africana. Testemunhou o que Deus fez na vida da irmã Segunda. Desde o seu malfadado casamento até a fuga providencial e posteriormente a sua salvação em Cristo. E o povo jubilava, brados de aleluias e glórias Deus ressoavam a todo o momento. Pedro fora um “bakiadur” – um tipo de pastor de vacas na sua infância. Vivia correndo atrás de ídolos, tentando descobrir uma maneira de virar herdar um grande “irã” – nome dado a ídolos. Seu pai sentia até orgulho dele por causa disso. Vivia falando: “Um dia ainda te levo na Kobiana”, lugar famoso naquela época pelos seus cultos aos “irãs”. Certo dia o irmão Pedro fora ferido pelo estilhaço de uma mina e levado para Apilho nas margens do Cacheu, para se recuperar dos ferimentos em casa de um parente. Na época da guerra as famílias viviam constantemente se mudando de região para se protegerem. Apesar de ser advertido severamente pelo primo, de que não deveria de forma

alguma se relacionar com os vizinhos felupes, pois “eles são nhamidur di pekadu(ã expressão creola quer dizer “comedor de pecadores”), dizia seu primo. Pekadu(ã introduzida na língua creola pelos padres portugueses que, na época da colônia, dizia a ~~as~~ que todos eram pecadores, não importando a tribo ou a cor. O menino Pedro se recuperou de seus ferimentos e voltou à lida de bakiadur. Apesar de já saber que os felupes eram canibais, Pedro para vencer a grande solidão que sentia no campo, arriscava, de vez em quando, amizades com bakiadores felupes. Durante as longas horas do dia em que os pequenos pastores passavam juntos, seguindo o gado das famílias, havia muitas trocas de conhecimentos e segredos culturais. A afinidade entre meninos de raças diferentes foi se tornando cada dia mais estreita, a ponto de muitas vezes Pedro se passar por menino felupes. Os locais consagrados ao sacrifício e culto aos “irãs” felupes, estavam espalhados ~~em~~ vários pontos da floresta. Estes locais eram muitos bem guardados por vigias para evitar a penetração de intrusos. Mas a curiosidade dos “bakiadores” era tamanha a ponto de ~~esperei~~ dias a fio até aproveitar um descuido do vigia, quando então penetravam no recinto para observar o que de tão importante era guardado ali. Pedro nos informou que além da tenda, confeccionada de tecido vermelho, para proteger o “Irã”, havia vários objetos que ~~eram~~ usados na hora da cerimônia, mas o que mais chamava a atenção eram os ossos da ~~par~~ craniana de humanos que os sacerdotes (feiticeiros) usavam para beber vinho como se fossem taças. O “irã” pode ser qualquer coisa desde que consagrado para aquele ~~fim~~ confeccionado com palha, pedra, madeira, chifre, carranca, etc. O importante é manter o máximo de respeito por ele e ele possuir seu guardador que irá transferir a guarda e ~~m~~ herança a um parente que se mostra com vocação para aquele serviço. Certo dia, movidos ~~da~~ curiosidade, eles foram chegando com seus rebanhos, devagar como quem não quer nada, até às cercanias da casa grande onde residia o régulo felupes. Observaram que a casa além de grande era construída longe do rio. No entanto, uma grande vala, aberta manualmente, ligava o interior da casa real ao leito do rio. Relatavam os meninos felupes de vez ou outra que havia um entra e sai suspeito de canoas e que eles nunca haviam sabido do que se tratava. Alguns testemunharam que garotos como eles que haviam entrado naquela casa uma vez, nunca mais foram vistos. Mais tarde quando Pedro já estava adulto, ele soube que se um “irã” da tribo felupes exigisse um sacrifício humano, ~~æ~~ pessoa não tivesse nenhum estrangeiro ou intruso aventureiro a quem pudesse lançar ~~mã~~

era obrigado a oferecer um de seus próprios filhos. A vítima era levada à casa real. De lá, a vítima era levada de canoa para o altar e depois de imolado, ao término da cerimônia, voltava de canoa em forma de carne para o banquete real. A gordura que houvesse na carne era separada, defumada e reservada para o preparo de uma iguaria feita à base de um tipo de peixe muito apreciado pelo régulo e seus grandes. O fato marcante na vida do irmão Pedro foi que um de seus parentes balantas, após ingerir certa quantidade de vinho, estando visivelmente embriagado, resolveu atravessar a tabanka dos felupes até o outro lado a fim de visitar outros balantas que residiam ali. Ao retornar, um felupes escondido no mato o observava. De repente avançou para feri-lo, aproveitando-se de que o balantas estava cambaleante. Mesmo embriagado o balantas lhe resistiu usando uma faca. O felupes retrocedeu e fugiu, se pondo ao longe. Depois lançou mão de uma cana de bambu com a ponta tipo bisee e perseguiu o balantas, transpassando-o com a lança improvisada. *Portas de Bronze 47* Depois arrastou o homem à beira do rio, lavou o corpo e sobre uma pedra o esquartejou. Chamando outros felupes carregou toda aquela carne para um lugar mais seguro dentro da floresta. Os balantas preocupados com o sumiço de seu parente se reuniram em bando com mais de cem pessoas entre homens e mulheres e começaram uma busca intensa. Passando por todos os lugares que o balantas passaria, deram com o sangue derramado na clareira onde o felupes o ferira. Seguiram o rastro de sangue até a pedra onde havia sido realizado o esquartejamento do homem. Não havia mais dúvida. O balantas estava morto. As buscas foram intensificadas. Outros parentes ouvindo o que poderia ter acontecido formavam outros grupos de busca. Quando menos se esperava ouviram gritos na floresta. O balantas fora encontrado. Formou-se um corre-corre até o local de onde vinham os gritos. Chegando lá se depararam com uma cena macabra. O infeliz jazia disposto a assar acima de um enorme braseiro todo despedaçado e espetado em varas que eram girados de vez em quando. Um grupo, de seis felupes, se revezava na tarefa. Um deles tinha na mão um pedaço de um dos braços da vítima, que com voraz apetite devorava aquela carne “mal passada” e sanguinolenta. O bando de balantas revoltado com o que via, avançou sobre os felupes para prendê-los. No entanto dois conseguiram fugir. Os outros quatro, amarrados, foram levados à sua gente. Ao balantas lhes impuseram uma condição. Que não apresentassem de imediato os dois fugitivos, a sua tabanka seria incendiada. Imediatamente os dois selvagens foram apresentados. Os prisioneiros se sentaram no chão

formando um semicírculo, de modo que um podia ver o outro. Perante representantes das duas tribos, receberam o castigo imposto pelos balantas. Diante de cada um foram colocados uma cuia cheia de sal e um pedaço do próprio corpo, como uma orelha ou um dedo. Foi dito a eles que escolhessem entre o comer todo o sal da cuia ou o pedaço de seu próprio corpo. Como seria impossível comer todo aquele sal, foram obrigados a comer pedaços de seus próprios corpos. Após o castigo os seis felupes foram amarrados e levados para Bissau, e entregues às autoridades competentes. Os antropófagos foram presos posteriormente condenados por um crime tão bárbaro, cuja prática é proibida não só no território guineense como em todo o mundo. Com lágrimas nos olhos o irmão Pedro levou a igreja a um grande clamor por aquele povo tão bárbaro e hostil. Fez um apelo fervoroso para que alguém de coragem se levantasse e fosse viver entre aquela tribo e lhes pregasse Cristo. joseferreiralisboa@hotmail.com

Perguntas? Comentários? Envie-me um e-mail:

joseferreiralisboa@hotmail.com

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-festim-dos-regalados>